

Gráfico 2.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Região Nordeste

Dados dessazonalizados

2002 = 100

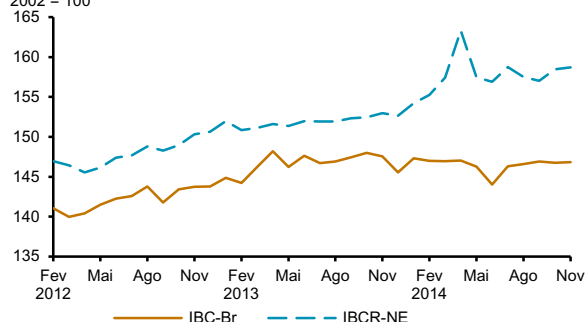
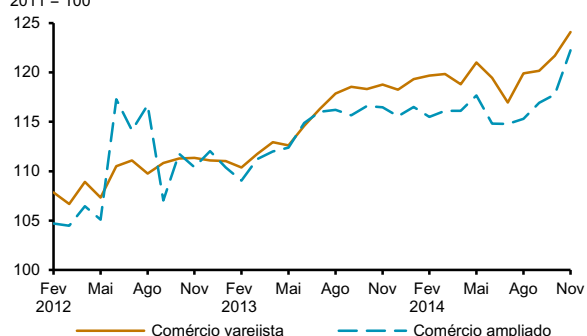


Gráfico 2.2 – Comércio varejista – Nordeste

Dados dessazonalizados

2011 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.1 – Comércio varejista – Nordeste

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período		
	2014		
	Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	-0,9	2,7	4,4
Combustíveis e lubrificantes	-0,1	2,0	6,9
Híper e supermercados	0,0	-0,9	1,6
Móveis e eletrodomésticos	-6,8	7,0	4,2
Equip. e mat. para esc., inf. e comunicação	-10,4	5,0	-8,9
Comércio ampliado	-1,4	3,5	2,4
Automóveis e motocicletas	-7,4	10,0	-2,8
Material de construção	-1,9	1,8	2,0

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

A atividade econômica no Nordeste se expandiu em ritmo moderado no terceiro trimestre de 2014, ainda assim, no ano, o crescimento do Nordeste foi superior à média nacional. A atividade no Nordeste se sustenta, em parte, pelos programas de transferências de renda e pela execução de importantes projetos de investimentos. O IBCR-NE cresceu 0,2% no trimestre terminado em novembro, em relação ao encerrado em agosto, de acordo com dados dessazonalizados, e acumula alta de 3,6% no acumulado de doze meses até novembro.

As vendas do comércio varejista do Nordeste cresceram 2,7% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando haviam recuado 0,9%, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Destacaram-se as elevações de 7% nas vendas de em móveis e eletrodomésticos e de 5,4% nas de tecidos, vestuário e calçados. As vendas do comércio ampliado aumentaram 3,5% no trimestre (veículos, motos, partes e peças, 10%; material de construção, 1,8%).

Considerados períodos de doze meses, as vendas do comércio varejista aumentaram 4,4% até novembro (5,4% em agosto), com destaque para a elevação de 6,9% nas vendas de combustíveis e lubrificantes e de 4,2% em móveis e eletrodomésticos. O comércio ampliado, refletindo variações respectivas de 2% e -2,8% nas vendas de material de construção e de veículos, motos, partes e peças, observou expansão de 2,4% no período (3,3% em agosto).

Segundo a PMS, do IBGE, a receita nominal do setor de serviços cresceu 8,4% no trimestre encerrado em novembro comparativamente a igual período de 2013 (4,3% em agosto), com destaque para os segmentos serviços profissionais, administrativos e complementares (16,0%), transportes e correios (12,4%) e serviços prestados a famílias (11,4%). Em doze meses, a receita nominal do setor aumentou 5,9% até novembro em relação a igual período de 2013 (5,7% em agosto), ressaltando-se os aumentos

Tabela 2.2 – Receita nominal de serviços – Nordeste

Serviços empres. não financeiros, exceto saúde e educação

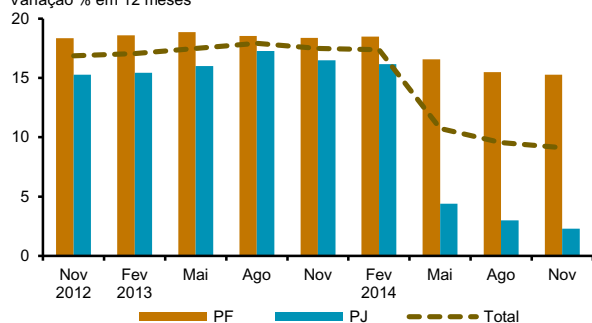
Segmentos	Variação %		
	2014		
	Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Total	4,3	8,4	5,9
Serviços prestados às famílias	15,2	11,4	12,6
Serviços de informação e comunicação	-5,0	-3,1	-3,2
Serviços profissionais e administrativos	8,6	16,0	9,4
Transportes e correio	4,4	12,4	8,3
Outros serviços	16,4	7,2	13,3

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa ao trimestre encerrado no mês assinalado e o mesmo período do ano anterior.

Gráfico 2.3 – Evolução do saldo das operações de crédito – Nordeste^{1/}

Variação % em 12 meses



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 2.3 – Evolução do emprego formal – Nordeste

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2013		2014		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	151,0	-24,1	-49,9	48,9	82,9
Indústria de transformação	64,5	-23,7	-53,0	13,5	40,5
Serviços industriais de util. pública	1,5	-0,6	0,3	1,3	0,1
Construção civil	14,4	-2,6	-11,2	0,5	-9,7
Comércio	37,8	-6,0	-3,9	4,5	37,3
Serviços	30,9	21,4	21,7	18,7	18,0
Agropecuária	2,0	-14,5	-3,4	17,2	-2,2
Outros ^{2/}	-0,1	1,8	-0,4	-0,2	-1,2

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Tabela 2.4 – Necessidades de financiamento – Nordeste^{1/}

Discriminação	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2013	2014	2013	2014
	Jan-set	Jan-set	Jan-set	Jan-set
Total	-3 251	-1 285	2 303	2 416
Governos estaduais	-1 860	-966	2 288	2 425
Capitais	-948	-83	40	27
Demais municípios	-443	-236	-25	-36

1/ Inclui informações dos governos estaduais e de seus principais municípios. Dados preliminares.

registrados no segmento outros serviços, 13,3%, e serviços prestados a famílias, 12,6%.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil atingiu R\$376 bilhões em novembro (crescimento de 3,4% no trimestre e de 9,1% nos últimos doze meses). As operações com recursos livres totalizaram R\$212 bilhões em novembro (crescimento de 2,1% no trimestre e 7,1% em doze meses); e as com recursos direcionados somaram R\$164 bilhões (crescimento de 5,3% e 11,9%, respectivamente).

O total contratado no segmento de pessoas jurídicas somou R\$168 bilhões (expansão de 3,1% no trimestre e de 2,3% em doze meses), com destaque para operações contratadas por empresas do segmento de transmissão e distribuição de energia elétrica e gás; serviços públicos (exceto educação e saúde); construção e refino de petróleo. Os créditos destinados às pessoas físicas totalizaram R\$208 bilhões (expansão de 3,7% e de 15,3% nas mesmas bases de comparação), com destaque para o crédito consignado; empréstimos habitacionais e financiamento a veículos.

A inadimplência atingiu 3,7% em novembro, recuando 0,22 p.p. no trimestre e 0,09 p.p. em doze meses. O recuo no trimestre decorreu de reduções de 0,39 p.p. no segmento de pessoas físicas e de 0,04 p.p. no de pessoas jurídicas, nos quais as taxas situaram-se, na ordem, em 4,8% e 2,5%.

Os desembolsos do BNDES para o Nordeste somaram R\$7 bilhões no trimestre encerrado em novembro (aumento de 17,8% em relação a igual período do ano anterior). Considerados períodos de doze meses, os desembolsos totalizaram R\$22,9 bilhões em novembro (diminuição de 16,5% comparativamente a novembro de 2013).

A economia do Nordeste gerou 82,9 mil empregos com carteira assinada no trimestre finalizado em novembro (151 mil em igual período de 2013), de acordo com o Caged/MTE. O menor saldo refletiu, em parte, moderação da atividade da indústria de transformação, construção civil e serviços, responsáveis, em conjunto, por 48,8 mil postos de trabalho (109,8 mil no mesmo período de 2013).

O nível do emprego formal na região reduziu-se 0,1% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao terminado em agosto, de acordo com dados dessazonalizados, com recuos mais expressivos na indústria de transformação, 2% e na construção civil, 1,4%.

Tabela 2.5 – Dívida líquida – Nordeste^{1/}

Discriminação	R\$ milhões		
	2012	2013	2014
	Dez	Dez	Set
Dívida bancária	12 531	16 524	18 820
Renegociação ^{2/}	23 000	20 123	19 908
Dívida externa	8 715	16 150	19 050
Outras dívidas junto à União	269	248	245
Dívida reestruturada	817	893	911
Disponibilidades líquidas	-9 456	-16 898	-19 000
Total (A)	35 875	37 040	39 935
Brasil^{3/} (B)	538 538	578 634	610 933
(A/B) (%)	6,7	6,4	6,5

1/ Inclui informações dos governos estaduais e de seus principais municípios.

Dados preliminares.

2/ Lei nº 8.727/1993, Lei nº 9.496/1997 e MP nº 2.185/2000.

3/ Refere-se à soma de todas as regiões.

Tabela 2.6 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Nordeste^{1/}

Discriminação	R\$ milhões					
	Dívida	Fluxos acumulados no ano			Dívida ^{2/}	2014
		2013	Nominal	Outros ^{4/}		
	Dez	Primário	Juros	Total ^{3/}	Set	
Total	37 040	-1 285	2 416	1 131	1 764	39 935
Governos estaduais	38 300	-966	2 425	1 460	1 572	41 331
Capitais	34	-83	27	-56	221	199
Demais municípios	-1 294	-236	-36	-273	-28	-1 595

1/ Inclui inform. dos governos estaduais e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

Tabela 2.7 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Nordeste^{1/}

UF	R\$ milhões					
	Dezembro de 2013			Novembro de 2014		
	Dívida	Fluxos 12 meses		Dívida ^{2/}	Fluxos 12 meses	
		Primário	Nominal ^{3/}		Primário	Nominal ^{3/}
AL	7 072	-432	382	7 871	169	883
BA	10 761	-1 435	-581	11 531	-806	-3
CE	3 357	-359	-48	4 729	676	1028
MA	2 509	-927	-638	3 072	18	252
PB	2 179	141	271	2 732	324	454
PE	6 822	776	1 394	8 524	1 482	2 201
PI	1 820	68	161	2 050	-190	-73
RN	-65	-34	19	-212	-473	-421
SE	2 585	-180	10	2 504	-658	-475
Total (A)	37 040	-2 381	969	42 800	541	3 846
Brasil^{4/} (B)	578 634	-17 711	41 224	628 857	5 171	57 614
(A/B) (%)	6,4	13,4	2,4	6,8	10,5	6,7

1/ Por UF, totalizando gov. estadual, capital e principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Refere-se à soma de todas as regiões.

A taxa de desemprego do Nordeste, segundo dados do IBGE para as Regiões Metropolitanas de Recife (RMR) e de Salvador (RMS), atingiu 8,2% no trimestre terminado em novembro (7,6% em igual período de 2013), reflexo de aumentos de 2,4% na População Economicamente Ativa (PEA) e de 1,7% na população ocupada. O rendimento real médio habitual aumentou 4,1% e a massa salarial real, 6%, no trimestre. Considerados dados dessazonalizados, a taxa de desemprego atingiu 8,3% no mesmo período (7,7% no trimestre finalizado em agosto).

O *superavit* primário dos governos dos estados, das capitais e dos principais municípios do Nordeste somou R\$1,3 bilhão nos nove primeiros meses de 2014, ante R\$3,3 bilhões em igual período de 2013, reflexo de recuos respectivos de 48,1%, 91,2% e 46,7% nos resultados *superavitários* das três esferas de governo consideradas.

Os juros nominais, apropriados por competência, somaram R\$2,4 bilhões até setembro (R\$2,3 bilhões em igual período de 2013). O resultado nominal foi deficitário em R\$1,1 bilhão (*superavitário* em R\$900 milhões até setembro de 2013). Nos governos estaduais, o *deficit* nominal passou de R\$400 milhões para R\$1,5 bilhão. Nos governos das capitais e dos demais municípios ocorreram reduções respectivas de 93,8% e 41,8% nos *superavits* no período.

A dívida líquida dos estados, das capitais e dos principais municípios do Nordeste totalizou R\$39,9 bilhões em setembro de 2014 (6,5% da dívida dessas entidades no país), aumento de 7,8% em relação a dezembro de 2013. As dívidas junto à União representaram 52,7% do total; a dívida bancária, 47,1%; e a externa, 47,7%. A posição credora em disponibilidades líquidas somou 47,6%, no mesmo período.

Considerados períodos de doze meses, o *deficit* primário dos governos dos estados, das capitais e principais municípios do Nordeste atingiu R\$0,5 bilhão até novembro (*superavit* de R\$2,4 bilhões em 2013). Os juros nominais, apropriados por competência, somaram R\$3,3 bilhões e o *deficit* nominal, R\$3,8 bilhões, no período (R\$3,3 bilhões e R\$1 bilhão, na ordem, em 2013). O endividamento líquido dos três segmentos totalizou R\$42,8 bilhões em novembro (aumento de 15,6% em relação a dezembro de 2013), representando 6,8% da dívida dos estados, capitais e principais municípios do país (6,4% em dezembro de 2013).

A safra de grãos do Nordeste totalizou 15,6 milhões de toneladas em 2014 (8,1% da produção nacional), de acordo com o LSPA divulgado pelo IBGE em dezembro.

Tabela 2.8 – Produção agrícola – Nordeste

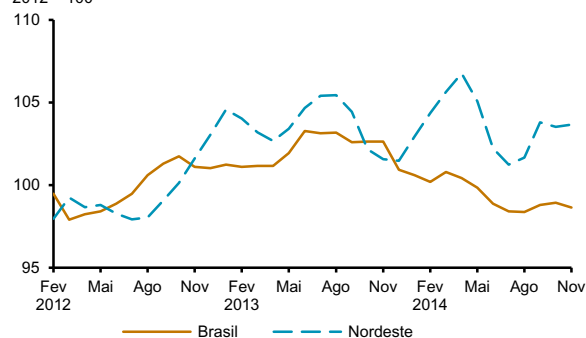
Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/} (%)	Em mil toneladas		Var. % 2014/2013
		Produção ^{2/}		
		2013	2014	
Produção de grãos		11 963	15 607	30,5
Soja	15,8	5 268	6 571	24,7
Caroço de algodão (herbáceo)	9,3	631	782	23,8
Milho	7,9	4 802	6 711	39,8
Feijão	3,6	487	583	19,8
Outras lavouras selecionadas				
Cana-de-açúcar	15,9	69 180	71 587	3,5
Mandioca	7,1	4 798	5 511	14,9
Banana	6,1	2 364	2 456	3,9

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2013.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2014.

Gráfico 2.4 – Produção industrial – Nordeste
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2012 = 100

Fonte: IBGE

Tabela 2.9 – Produção industrial – Nordeste

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2014		12 meses
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	
Indústria geral	100,0	-3,2	2,0	-0,1
Indústrias extrativas	9,0	-0,3	-2,6	-0,4
Indústrias de transformação	91,0	-3,3	2,4	-0,1
Produtos alimentícios	16,2	-6,5	-0,9	5,2
Deriv. petróleo e biocomb.	15,8	3,5	-1,8	8,2
Outros produtos químicos	9,9	3,6	5,0	3,7
Artef. couro e calçados	6,9	0,8	0,0	-5,4

Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VTI, conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

O aumento anual de 30,5% refletiu crescimentos de 24,7% na produção de soja (11,8% na área colhida e 11,5% na produtividade), de 39,8% na de milho, e de 19,8% na de feijão. Nas demais culturas, ocorreram aumentos respectivos de 3,5%, 3,9% e 14,9% nas safras de cana-de-açúcar, banana e de mandioca. O prognóstico do IBGE para a safra de grãos de 2015 indica crescimento de 24,7% na produção da região, com destaque para o aumento de 36,3% na lavoura de soja.

Na comparação em doze meses, a produção industrial variou -0,1% (-0,4% na extrativa e -0,1% na transformação), ressaltando-se o recuo de 19,4% na fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias e de 9,9% no setor de metalurgia.

A balança comercial do Nordeste foi deficitária em US\$12,8 bilhões em 2014 (US\$10,5 bilhões em 2013). As exportações somaram US\$15,9 bilhões e recuaram 7,9% na comparação com 2013, enquanto as importações totalizaram US\$28,7 bilhões e aumentaram 3,6%.

O comportamento das exportações refletiu diminuição de 3,4% nos preços e de 4,7% no *quantum*. As vendas de produtos semimanufaturados recuaram 7,2%, sensibilizados pelos recuos nas remessas de cátodos de cobre, 53,1%, e de açúcar de cana em bruto, 21,6%; enquanto as relativas aos bens manufaturados recuaram 16,2%, especialmente impactados pelas retrações nos embarques de plataformas de perfuração ou de exploração, dragas, etc (US\$1,5 bilhão em 2013, sem correspondência em 2014) e nas vendas de automóveis de passageiros, 43%. Os embarques de produtos básicos aumentaram 12,3%, com destaque para soja, 11,1%, e para algodão em bruto, 29,6%. Os principais destinos das vendas externas foram, em 2014, China, Estados Unidos da América (EUA), Holanda, Argentina e Antilhas Holandesas, que, em conjunto, adquiriram 50,9% do total embarcado na região.

A evolução das importações em 2014 refletiu declínio de 1,7% nos preços e aumento de 5,4% no *quantum*. As aquisições de combustíveis e lubrificantes elevaram-se 15,7%, induzidas pelos aumentos de 28% nas compras de óleos combustíveis e de 60% nas associadas a gás natural liquefeito (GNL); os ingressos de bens de capital diminuíram 14,4%, sensibilizados, em parte, pelas retrações em aquecedores, secadores e aparelhos semelhantes, partes e peças (68,8%) e em motores, geradores e transformadores elétricos e suas partes (33,4%); as compras de bens de consumo cresceram 14,2%, destacando-se, em bens de consumo duráveis, a ampliação de 5,7% nas compras de

Tabela 2.10 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Nordeste		Brasil	
	2013	2014	Var. %	Var. %
Total	17 270	15 914	-7,9	-7,0
Básicos	3 558	3 996	12,3	-3,1
Industrializados	13 712	11 918	-13,1	-10,4
Semimanufaturados	4 767	4 424	-7,2	-4,8
Manufaturados ^{1/}	8 945	7 494	-16,2	-12,2

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 2.11 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Nordeste		Brasil	
	2013	2014	Var. %	Var. %
Total	27 740	28 730	3,6	-4,4
Bens de capital	4 426	3 788	-14,4	-7,6
Matérias-primas	11 410	11 204	-1,8	-3,3
Bens de consumo	2 595	2 965	14,2	-5,2
Duráveis	1 845	1 915	3,8	-8,8
Não duráveis	750	1 050	40,1	-1,0
Combustíveis e lubrificantes	9 310	10 774	15,7	-2,4

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 2.12 – IPCA – Nordeste

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %			
		2013	2014		
		Ano	III Tri	IV Tri	Ano
IPCA	100,0	5,90	0,61	1,33	6,01
Livres	78,9	7,17	0,45	1,41	6,01
Comercializáveis	40,0	5,72	0,94	1,29	5,65
Não comercializáveis	-40,0	8,73	-0,04	1,52	6,39
Monitorados	21,1	1,38	1,20	1,02	6,02
Principais itens					
Alimentação	28,3	8,82	0,34	1,97	6,80
Habitação	14,1	2,69	1,60	1,19	10,26
Artigos de residência	4,9	5,84	1,59	0,13	5,44
Vestuário	7,4	6,25	0,44	1,48	2,96
Transportes	17,0	3,27	0,41	1,38	2,61
Saúde	10,9	6,17	1,34	1,32	6,96
Despesas pessoais	9,1	7,59	-0,67	1,04	7,54
Educação	4,4	8,49	0,39	0,37	7,81
Comunicação	3,9	1,68	0,11	-0,21	-0,36

Fonte: IBGE

1/ Pesos relativos ao trimestre encerrado no período t-3.

automóveis; em bens de consumo não duráveis, alta de 681,9% nas aquisições de medicamentos para medicina humana e veterinária. As importações de bens intermediários recuaram 1,8%, com queda de 77,4% nas compras de cátodos de cobre e seus elementos; e de 28,7% em trigo em grãos (destaque para o recuo de 79,5% do trigo proveniente da Argentina). Os principais mercados de origem das importações, EUA, China, Argentina, Holanda e Índia, responderam por 53,3% das aquisições totais no período.

A inflação, medida pelo IPCA¹, atingiu 1,33% no quarto trimestre de 2014 (0,61% no terceiro), com aceleração nos preços livres, de 0,45% para 1,41%, e desaceleração nos monitorados, de 1,20% para 1,02%. Destacaram-se, neste grupo, a redução de 0,41% em ônibus interestadual, e os aumentos de 6,20%, 2,33% e 2,25% nos preços de óleo diesel, plano de saúde e gás de botijão, respectivamente.

A aceleração dos preços livres refletiu aumentos nas variações dos preços dos bens comercializáveis, de 0,94% para 1,29% (carnes, 9,95%; artigos de papelaria, 2,17%; vestuário, 1,48%), e dos preços dos bens não comercializáveis, de -0,04% para 1,52% (passagem aérea, 46,90%; tubérculos, raízes e legumes, 9,69%; pescados, 1,96%). O índice de difusão atingiu 56,08% no trimestre encerrado em dezembro (56,76% no finalizado em setembro).

O IPCA do Nordeste variou 6,01% em 2014 (5,90% em 2013). Os preços livres aumentaram 6,01% (alimentação fora do domicílio, 10,90%) e os monitorados 6,02% (energia elétrica residencial, 18,04%; gás veicular, 12,58%).

A atividade econômica no Nordeste registrou ritmo moderado de crescimento em 2014. A atividade varejista e as contratações no mercado de trabalho mostraram acomodação, e a demanda seguiu, em parte, sustentada pelos programas de transferência de renda do governo federal. Para 2015, as expectativas favoráveis assentam-se na continuidade da recuperação da agropecuária e nos impactos positivos da maturação de importantes investimentos.

1/ Calculado com base nas variações e pesos das três regiões metropolitanas do Nordeste abrangidas pelo IPCA: Fortaleza, Recife e Salvador.

Gráfico 2.5 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Bahia

Dados dessazonalizados

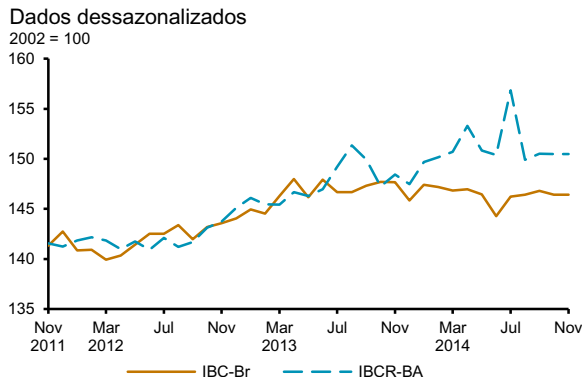
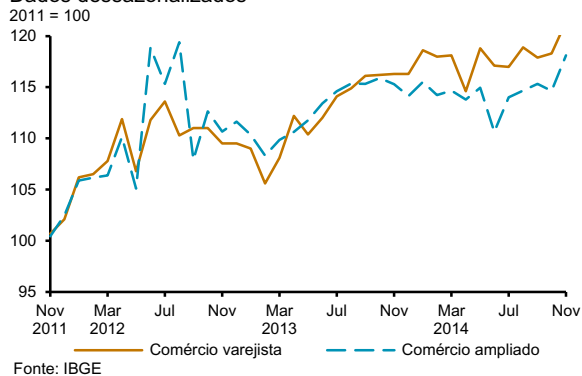


Gráfico 2.6 – Comércio varejista – Bahia

Dados dessazonalizados



Fonte: IBGE

Tabela 2.13 – Comércio varejista – Bahia

Geral e setores selecionados

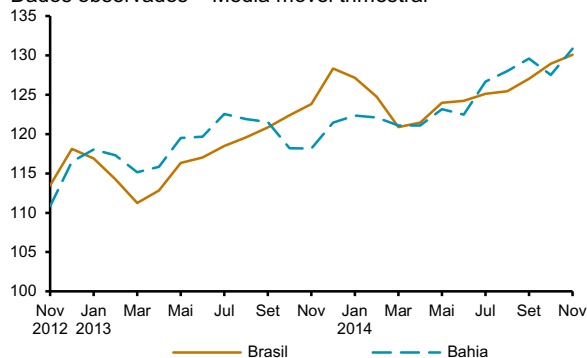
Setores	Variação % no período			
	2014			
	Mai ^{1/}	Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	-0,4	0,4	1,3	4,9
Combustíveis e lubrificantes	-4,6	2,6	-0,5	7,9
Híper, supermercados	-1,2	1,4	-0,9	2,5
Tecidos, vestuário e calçados	-2,7	0,3	3,7	-0,7
Móveis e eletrodomésticos	6,4	-6,2	5,1	1,9
Comércio ampliado	-0,1	-1,2	2,6	1,4
Automóveis e motocicletas	-2,0	-6,0	6,7	-5,9
Material de construção	-1,8	-1,1	3,7	-1,5

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.7 – Receita nominal de serviços

Dados observados – Média móvel trimestral



Fonte: IBGE

Bahia

O Produto Interno Bruto (PIB) da Bahia cresceu 0,6% no terceiro trimestre de 2014, em relação à igual período do ano anterior, com variações de 7,2%; -3,1% e 1,9% para a agropecuária, indústria e serviços, respectivamente, conforme estimativa da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI). Em relação ao segundo trimestre do ano, o PIB recuou 1,7%, após o ajuste sazonal da série. Dados mais recentes ratificam a perda de dinamismo na margem, evidenciada pela queda de 0,3% do IBCR-BA no trimestre encerrado em novembro, em relação ao terminado em agosto, quando aumentara 0,5%, no mesmo tipo de comparação (dados dessazonalizados). Considerados períodos de doze meses, o IBCR-BA aumentou 2,8% em novembro (3,5% em agosto).

As vendas do comércio varejista no estado aumentaram 1,3% no trimestre encerrado em novembro, relativamente ao finalizado em agosto, quando crescera 0,4%, no mesmo tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados da PMC do IBGE. As principais altas ocorreram nos segmentos móveis e eletrodomésticos (5,1%) e tecidos, vestuário e calçados (3,7%). As vendas do comércio ampliado, agregando-se as altas em material de construção (3,7%) e em veículos, motos, partes e peças (6,7%), cresceram 2,6% no trimestre.

Considerados períodos de doze meses, as vendas varejistas cresceram 4,9% em novembro, em relação a igual período de 2013 (5,6% em agosto), destacando-se as altas em combustíveis e lubrificantes (7,9%) e hiper,supermercados (2,5%). Na mesma base de comparação, o crescimento do comércio ampliado mostrou-se menor no período, 1,4% (2,4% em agosto), com recuos de 5,9% e 1,5% nas vendas de veículos e de material de construção, na ordem.

A receita nominal do setor de serviços da Bahia cresceu 10,7% no trimestre encerrado em novembro, em relação a igual período de 2013 (transportes e correio, 18,3%; serviços profissionais e administrativos, 25,2%), segundo a PMS do IBGE. Considerados intervalos de doze meses, o indicador aumentou 5,7% em novembro (transportes e correio, 10,6%).

O volume das operações de crédito superiores a R\$1 mil realizadas na Bahia somou R\$108,5 bilhões em novembro, elevando-se 1,6% no trimestre e 11% em doze meses. As operações com recursos livres atingiram R\$58,6 bilhões, com recuo de 1% no trimestre e expansão de 7,6%

Tabela 2.14 – Receita nominal de serviços – Bahia

Serv. empresariais não financeiros, exceto saúde e educação

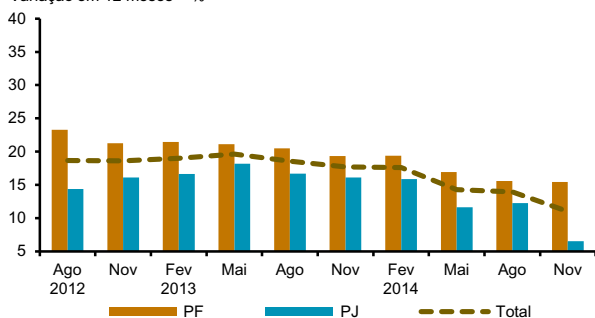
Segmentos	Variação % no período			
	2013		2014	
	Ano	Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Total	9,2	5,0	10,7	5,7
Serviços prestados às famílias	8,0	17,9	8,9	10,6
Serviços de informação e comunicação	3,8	-9,4	-5,2	-7,0
Serviços profissionais e administrativos	15,4	14,7	25,2	13,3
Transportes e correio	11,2	6,9	18,3	10,6
Outros serviços	7,5	11,6	-0,4	8,2

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa ao trimestre encerrado no mês assinalado e o mesmo período do ano anterior.

Gráfico 2.8 – Evolução do saldo das operações de crédito – Bahia^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 2.15 – Evolução do emprego formal – Bahia

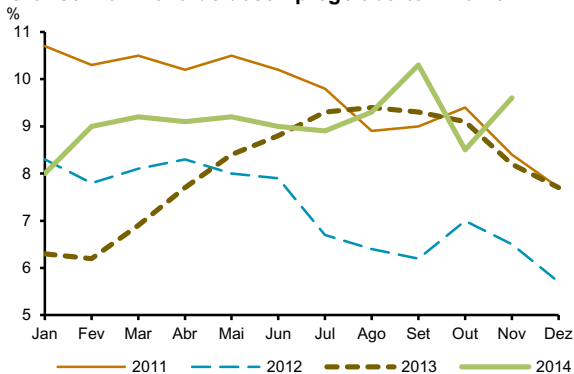
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2013		2014		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	11,7	1,2	9,7	1,4	-0,1
Indústria de transformação	0,1	-0,4	2,1	-0,3	-3,3
Comércio	9,1	0,7	-1,3	-0,7	7,4
Serviços	4,3	5,9	5,8	2,1	1,4
Construção civil	2,2	-2,2	-3,7	-0,4	1,1
Agropecuária	-4,2	-3,3	7,0	1,0	-6,6
SIUP	0,8	-0,3	-0,3	-0,1	0,5
Outros ^{2/}	-0,6	0,8	0,2	-0,3	-0,6

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Gráfico 2.9 – Taxa de desemprego aberto – Bahia

Fonte: IBGE

em doze meses, e as com recursos direcionados alcançaram R\$49,9 bilhões, elevando-se 4,7% e 15,3% nas bases de comparação mencionadas.

Os empréstimos para pessoas físicas totalizaram R\$56,8 bilhões, com elevação de 4,1% no trimestre e 5,4% em doze meses, destacando-se as operações de financiamento imobiliário, com crescimento de 7,3% e 29%, nas mesmas bases de comparação. A carteira no segmento de pessoas jurídicas somou R\$51,7 bilhões, com retração de 1,1% no trimestre e crescimento de 6,5% em doze meses, destinados, em especial, para os financiamentos à exportação.

A taxa de inadimplência das operações de crédito no estado alcançou 3,57% em novembro, com recuos de 0,11 p.p. no trimestre e 0,31 p.p. em doze meses. A evolução trimestral refletiu retração de 0,30 p.p. no segmento de pessoas físicas e estabilidade no de pessoas jurídicas, com taxas de inadimplência situando-se, na ordem, em 4,86% e 2,27%.

O menor ritmo de atividade na economia baiana se refletiu sobre o mercado de trabalho. De acordo com o Caged/MTE, foram eliminados 140 empregos formais no trimestre encerrado em novembro (geração de 11,7 mil em igual período de 2013). A agricultura e a indústria de transformação foram responsáveis, em conjunto, pela redução de 9,8 mil postos. Considerados dados dessazonalizados, o emprego formal manteve-se estável no trimestre encerrado em novembro, em relação ao trimestre finalizado em agosto, quando recuara 0,1%.

A taxa média de desemprego da RMS atingiu 9,5% no trimestre encerrado em novembro (8,9% em igual período de 2013), de acordo com a Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE, reflexo dos aumentos de 3,8% e 4,4% na população ocupada e na PEA, respectivamente. O rendimento médio real habitualmente recebido pelas pessoas ocupadas e a massa salarial real elevaram-se 2,7% e 6,6%, respectivamente, no período. Considerando dados dessazonalizados, a taxa de desemprego atingiu 9,5% no trimestre encerrado em novembro (8,7% no finalizado em agosto).

O *superavit* primário dos governos do estado, da capital e dos principais municípios da Bahia totalizou R\$1,5 bilhão nos nove primeiros meses de 2014, com redução de 10,3% em relação a igual período do ano anterior. O resultado refletiu, principalmente, a reversão de *superavit* de R\$131,6 milhões, no período anterior, para *deficit* de R\$101,1 milhões verificada no âmbito dos demais

Tabela 2.16 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Bahia^{1/}

UF	R\$ milhões					
	Dívida	Fluxos acumulados no ano			Dívida ^{2/}	
		2013	Nominal	Outros ^{3/}	2014	
	Dez	Primário	Juros	Total ^{4/}	Set	
Estado da Bahia	10 761	-1 539	592	-947	405	10 219
Governo estadual	9 638	-1 361	537	-823	365	9 180
Capital	671	-279	35	-245	46	472
Demais municípios	452	101	20	121	-6	567

1/ Inclui inform. do estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

4/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

Tabela 2.17 – Necessidades de financiamento – Bahia^{1/}

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2013	2014	2013	2014
	Jan-set	Jan-set	Jan-set	Jan-set
Estado da Bahia	-1 715	-1 539	590	592
Governo estadual	-1 193	-1 361	521	537
Capital	-391	-279	52	35
Demais municípios	-132	101	17	20

1/ Inclui informações do estado e de seus principais municípios.

Dados preliminares.

Tabela 2.18 – Produção agrícola – Bahia

Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção		Variação %
		2013	2014 ^{2/}	
Grãos				
Algodão herbáceo	19,4	925	1 164	25,8
Soja	18,6	2 766	3 206	15,9
Milho	7,1	2 115	2 920	38,1
Feijão	3,7	248	248	-0,1
Outros grãos ^{3/}	0,4	78	118	51,3
Outras lavouras				
Banana	6,5	1 113	1 089	-2,2
Cacau	6,3	158	179	13,3
Café	5,6	162	202	24,2
Mandioca	4,5	1 852	1 989	7,4
Cana-de-açúcar	3,4	6 754	6 706	-0,7

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2013.

2/ Segundo o LSPA de dezembro de 2014.

3/ Amendoim, arroz, mamona e sorgo.

municípios. Os juros nominais desses entes, apropriados por competência, aumentaram 0,4%, somando R\$592,1 milhões, e o *superavit* nominal totalizou R\$946,6 milhões.

A dívida líquida do estado, da capital e dos principais municípios baianos totalizou R\$10,2 bilhões em setembro de 2014, reduzindo-se 5% em relação a dezembro de 2013. Ocorreram reduções nas esferas dos governos do estado, 4,8%, e da capital, 29,6%, e aumento na dos demais municípios, 25,4%.

A produção de grãos da Bahia totalizou 7,7 milhões de toneladas em 2014, de acordo com o LSPA/IBGE de dezembro. A elevação anual de 24,9% refletiu, principalmente, as expansões nas safras de milho (38,1%), algodão (25,8%) e soja (15,9%). Em relação às demais lavouras, destacaram-se aumentos nas produções de café (24,2%), cacau (13,3%) e mandioca (7,4%).

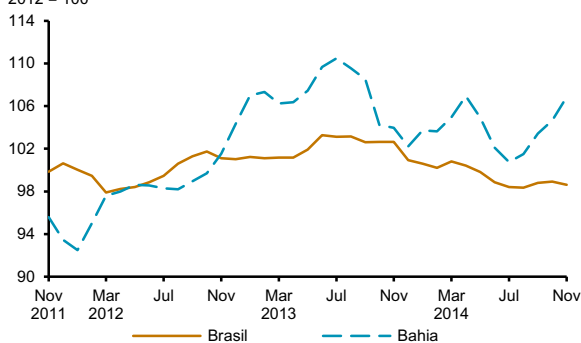
O terceiro prognóstico para a safra 2015, divulgado pelo IBGE, projeta aumentos para as safras de feijão (1ª safra), 79,1%; mandioca, 32%; soja, 47,1%; e milho, 11,0%; e retração para a cultura de algodão, 6,4%.

A produção industrial na Bahia avançou 5,3% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando recuara 4,7%, segundo dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. A indústria extrativa recuou 4,2% e a de transformação avançou 6,9%, ressaltando-se as expansões em veículos automotores, 90,0%, produtos químicos, 4,4% e produtos alimentícios, 4,5%.

Considerados intervalos de doze meses, a indústria do estado recuou 2,9% em novembro, em relação a igual período de 2013 (queda de 3,3% em agosto). A produção da indústria extrativa cresceu 1,5% e a da indústria de transformação retraiu 3,2%, influenciada principalmente pela queda na fabricação de veículos automotores, 21,6%.

O Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (Iceb), calculado pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), alcançou -267 pontos em novembro (-270 pontos em outubro e -21,8 pontos em novembro de 2013), situando-se na zona de pessimismo. A evolução do indicador refletiu piora na expectativa dos empresários da agropecuária e da indústria, recuos respectivos de 120 pontos e 33 pontos, e melhora da confiança do empresariado do setor de serviços e comércio, aumento de 36 pontos em relação a outubro.

Gráfico 2.10 – Produção industrial – Bahia
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2012 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.19 – Produção industrial – Bahia
Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	Pesos ^{1/} 2014	Acumulado		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	em 12 meses
Indústria geral	100,0	-3,3	5,3	-2,9
Indústrias extrativas	5,9	0,2	-4,2	1,5
Indústrias de transformação	94,1	-2,5	6,9	-3,2
Deriv. petróleo e biocomb.	28,5	5,6	1,7	2,2
Outros produtos químicos	16,1	1,0	4,4	7,4
Veículos, reb. e carrocerias	10,7	-44,1	90,0	-21,6
Metalurgia	8,2	-0,3	-6,3	-9,5
Produtos alimentícios	8,1	-3,2	4,5	-0,2
Celulose e prod. papel	7,4	1,2	-0,8	-1,6

Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VT1, conforme a PIA 2010/IBGE

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Tabela 2.20 – Exportação por fator agregado – FOB
Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Bahia		Brasil	
	2013	2014	Var. %	Var. %
Total	10 092	9 310	-7,7	-7,0
Básicos	2 037	2 320	13,9	-3,1
Industrializados	8 055	6 990	-13,2	-10,4
Semimanufaturados	2 912	2 484	-14,7	-4,8
Manufaturados ^{1/}	5 144	4 506	-12,4	-12,2

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 2.21 – Importação por categoria de uso – FOB
Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Bahia		Brasil	
	2013	2014	Var. %	Var. %
Total	8 889	9 295	4,6	-4,4
Bens de capital	1 662	1 571	-5,5	-7,6
Matérias-primas	5 452	5 406	-0,8	-3,3
Bens de consumo	1 410	1 393	-1,2	-5,2
Duráveis	1 307	1 303	-0,3	-8,8
Não duráveis	103	90	-12,7	-1,0
Combustíveis e lubrificantes	364	925	154,1	-2,4

Fonte: MDIC/Secex

O *superavit* da balança comercial da Bahia totalizou US\$14 milhões em 2014 (US\$1,2 bilhão em 2013), decorrente de variações de -7,7% nas exportações e de 4,6% nas importações.

A trajetória das exportações refletiu as reduções de 4% nos preços e 3,9% no *quantum*. Os embarques de produtos básicos avançaram 13,9% (algodão, 35,6%), enquanto os de produtos industrializados, que responderam por 75,1% da pauta, retraíram 13,2%. Contribuíram para esse quadro as reduções nas vendas de produtos manufaturados, -12,4% (automóveis de passageiros, -43%), e nas de semimanufaturados, -14,7% (catodos de cobre, -53,1%). China, EUA e Argentina adquiriram, em conjunto, 39,4% das exportações baianas em 2014.

O aumento nas importações resultou de variações de -1,8% nos preços e 6,5% no *quantum*. À exceção de combustíveis e lubrificantes, cujas aquisições se elevaram 154,1%, houve redução nas compras das demais categorias de uso. As aquisições de matérias-primas, que representaram 58,2% da pauta, recuaram 0,8%, devido, especialmente, às diminuições nas compras de catodos de cobre, -76,5%, e minérios de cobre, -7,7%. Argentina, Argélia, Chile e EUA constituíram, em conjunto, o mercado de origem de 47,1% das importações baianas em 2014.

O IPCA da RMS variou 1,14% no quarto trimestre de 2014 (0,73% no terceiro), de acordo com o IBGE. Os preços livres aceleraram de 0,63% para 1,18%, refletindo aumentos de variações dos preços dos bens comercializáveis (de 1,40% para 1,47%) e, principalmente, dos não comercializáveis (de -0,07% para 0,91%), com destaque para as altas nos itens passagem aérea (50,38%), e batata-inglesa (75,65%). Os preços monitorados desaceleraram de 1,07% para 0,98%, influenciados principalmente pelos recuos nas variações dos preços de gasolina (de 2,60% para 2,22%), gás de botijão (de 4,32% para 1,33%) e ônibus interestadual (de 5,99%, para -0,07%). O índice de difusão atingiu 59,1% no quarto trimestre (61,8% no finalizado em setembro e 66,9% em igual período de 2013).

Considerados períodos de doze meses, o IPCA da RMS variou 5,76% em 2014, ante 5,03% em 2013, refletindo a desaceleração dos preços livres de 6,66%, para 5,75% e o avanço dos monitorados de -0,47% para 5,79%, que foram impactados, sobretudo, pelos aumentos em energia elétrica residencial, 18,20%, e gasolina, 3,22%. A evolução dos preços livres traduziu variações de 6,45% e 5,09% dos preços de bens comercializáveis e dos não comercializáveis,

Tabela 2.22 – IPCA – Salvador

Discriminação	Pesos ^{1/} 2013		2014					Variação %	
	Ano	Ano	I Tri	II Tri	III Tri	IV Tri	Ano	Ano	
IPCA	100,00	5,03	1,91	1,86	0,73	1,14	5,76		
Livres	78,16	6,66	2,30	1,53	0,63	1,18	5,75		
Comercializáveis	37,28	5,52	1,10	2,25	1,40	1,47	6,45		
Não comercializáveis	40,88	7,73	3,39	0,89	-0,07	0,91	5,09		
Monitorados	21,84	-0,47	0,53	3,11	1,07	0,98	5,79		
Principais itens									
Alimentação	27,42	8,69	2,73	0,60	0,70	2,26	6,43		
Habitação	13,84	-0,03	2,90	4,77	0,90	0,56	9,39		
Artigos de residência	4,72	4,97	2,15	1,57	3,28	0,80	8,01		
Vestuário	7,28	6,06	-1,49	2,60	1,27	0,26	2,62		
Transportes	19,90	2,23	0,10	0,52	0,05	1,29	1,96		
Saúde	10,09	5,50	1,51	3,01	1,59	1,29	7,59		
Despesas pessoais	8,10	6,27	3,47	4,54	-0,26	-0,25	7,62		
Educação	4,23	9,92	7,84	0,18	0,13	0,55	8,77		
Comunicação	4,42	2,90	-0,30	-0,11	0,14	0,05	-0,23		

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2014.

respectivamente, destacando-se as reduções nos itens farinha de mandioca, -39,55%, e tomate, -22,15%.

A evolução dos principais indicadores econômicos da Bahia sugere arrefecimento do nível da atividade no estado, em ambiente de acomodação do crescimento da economia nacional. Nesse cenário, o ritmo do desempenho da economia estadual estará condicionado à manutenção do dinamismo da atividade agrícola e aos impactos decorrentes dos investimentos públicos e privados sobre o emprego e a renda.

Gráfico 2.11 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Ceará

Dados dessazonalizados
2002 = 100

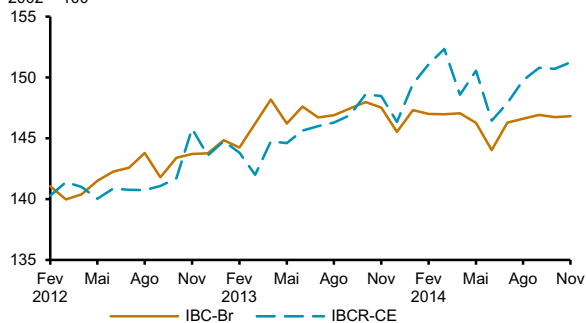


Tabela 2.23 – Comércio varejista – Ceará

Geral e setores selecionados

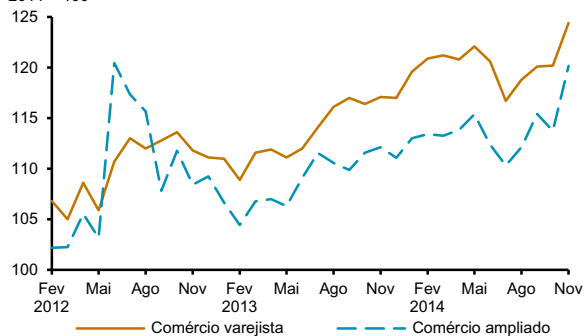
Setores	Variação % no período		
	2014		
	Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	-2,2	2,4	6,0
Combustíveis e lubrificantes	-3,3	4,3	9,9
Hiper e supermercados	-0,1	-2,2	2,2
Móveis e eletrodomésticos	-10,4	11,7	7,2
Equip.e mat. para esc.,inf. e comunicação	-23,0	19,9	9,0
Comércio ampliado	-2,2	4,3	4,3
Automóveis e motocicletas	-8,0	13,9	-0,1
Material de construção	1,4	2,1	8,1

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.12 – Comércio varejista – Ceará

Dados dessazonalizados
2011 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.24 – Receita nominal de serviços – Ceará

Serviços empres. não financeiros, exceto saúde e educação

Segmentos	Variação %		
	2014		
	Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Total	3,1	11,4	7,6
Serviços prestados às famílias	18,5	26,5	21,5
Serviços de informática e comunicação	-5,5	-1,0	-1,4
Serviços profissionais e administrativos	0,5	13,1	6,6
Transportes e correio	1,8	10,7	7,0
Outros serviços	29,2	27,3	26,9

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa ao trimestre encerrado no mês assinalado e o mesmo período do ano anterior.

Ceará

O PIB do Ceará cresceu 2,3% no terceiro trimestre de 2014 (0,8% no segundo), de acordo com dados do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece), dessazonalizados. Informações mais recentes sugerem continuidade do crescimento da economia estadual nos últimos meses do ano. Nesse sentido o IBCR-CE variou 2% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, segundo dados dessazonalizados. O IBCR-CE cresceu 2,8% no período de doze meses até novembro (3,2% em agosto).

As vendas do comércio varejista cearense aumentaram 2,4% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando decresceram 2,2%, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Destacaram-se as elevações das vendas de móveis e eletrodomésticos (11,7%) e de tecidos, vestuário e calçados (7,5%). Incorporados os desempenhos dos segmentos de veículos, motos, partes e peças (13,9%) e de material de construção (2,1%), o comércio ampliado cresceu 4,3% no trimestre.

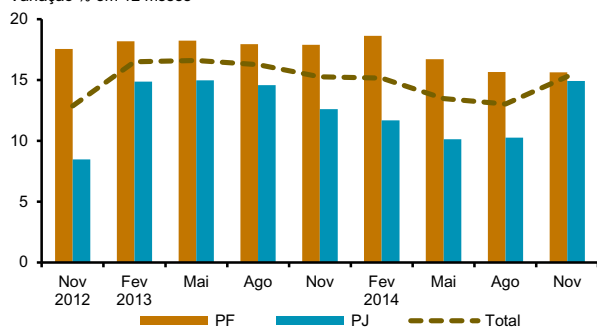
Considerados períodos de doze meses, a atividade no varejo cresceu 6% até novembro (5,9% em agosto), com destaque para as vendas de combustíveis e lubrificantes (9,9%) e de tecidos, vestuário e calçados (9,4%). O comércio ampliado, agregadas as variações respectivas de -0,1% e 8,1% nas vendas de veículos, motos, partes e peças e de material de construção, elevou-se 4,3% no período (3,5% em agosto).

A receita nominal do setor de serviços cearense, segundo a PMS do IBGE, cresceu 11,4% no trimestre encerrado em novembro comparativamente a igual período de 2013, com crescimentos de 26,5% no segmento de serviços prestados às famílias e de 27,3% em outros serviços. Considerados períodos de doze meses, a receita nominal aumentou 7,6% em novembro, com ênfase no desempenho dos segmentos outros serviços, 26,9%, e nos serviços prestados às famílias, 21,5%.

O volume das operações de crédito superiores a R\$1 mil atingiu R\$56,6 bilhões em novembro, com expansão de 5,5% no trimestre e de 15,3% nos últimos doze meses. As operações com recursos livres totalizaram R\$32,2 bilhões no período, aumentos de 3,1% no trimestre e de 6,1% em doze meses. Os empréstimos com recursos direcionados somaram R\$24,4 bilhões, elevações, respectivas, de 8,7% e 30,1% nos períodos considerados.

Gráfico 2.13 – Evolução do saldo das operações de crédito – Ceará^{1/}

Variação % em 12 meses



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 2.25 – Evolução do emprego formal – Ceará

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2013	2014			
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	23,8	1,3	5,6	12,1	25,5
Indústria de transformação	2,9	-5,1	0,6	0,4	2,1
Serviços industriais de utilidade pública	0,1	0,2	0,3	0,7	0,0
Construção civil	2,6	2,9	1,0	3,3	3,8
Comércio	8,5	-0,8	-0,6	2,3	10,0
Serviços	8,7	5,6	4,7	4,9	8,6
Agropecuária	1,0	-2,0	-0,4	3,3	1,0
Outros ^{2/}	0,1	0,6	0,0	0,1	0,0

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Tabela 2.26 – Necessidades de financiamento – Ceará^{1/}

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2013	2014	2013	2014
	Jan-set	Jan-set	Jan-set	Jan-set
CE	-375	43	221	257
Governo estadual	-228	122	234	270
Capital	-102	57	4	7
Demais municípios	-44	-135	-16	-20

1/ Inclui informações do estado e de seus principais municípios.

Dados preliminares.

Tabela 2.27 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Ceará^{1/}

UF	R\$ milhões					
	Dívida	Fluxos acumulados no ano				Dívida ^{2/}
		2013	Outros ^{4/}			
	Dez	Primário	Juros	Total ^{3/}	Set	
CE	3 357	43	257	300	405	4 062
Governo estadual	3 882	122	270	392	275	4 550
Capital	114	57	7	63	130	307
Demais municípios	-639	-135	-20	-156	0	-794

1/ Inclui inform. do estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

A carteira no segmento de pessoas jurídicas totalizou R\$27,4 bilhões, com variações respectivas de 7,4% e 14,9% nas mesmas bases de comparação, destacando-se as contratações de operações destinadas aos setores de geração e transmissão de energia elétrica, serviços públicos (exceto educação e saúde), e à construção civil. O saldo de operações no segmento de pessoas físicas atingiu R\$29,2 bilhões, elevando-se 3,7% no trimestre e 15,6% em doze meses, com concentração em crédito consignado, aquisição de automóveis, e financiamentos habitacionais.

A inadimplência atingiu 3,5% em novembro, reduzindo-se 0,39 p.p. em relação à observada em agosto e 0,40 p.p. em doze meses. O comportamento no trimestre decorreu da redução de 0,45 p.p. no segmento de pessoas físicas e de 0,28 p.p. no relativo ao de pessoas jurídicas, com taxas situando-se, na ordem, em 4,7% e 2,4%, respectivamente.

A economia cearense criou 25,5 mil empregos formais no trimestre encerrado em novembro de 2014 (23,8 mil em igual período de 2013), de acordo com Caged/MTE. Os setores serviços e construção civil criaram, em conjunto, 13,8 mil vagas (11,1 mil no trimestre finalizado em novembro de 2013).

Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal no Ceará cresceu 1% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, com aumentos em seis das oito atividades pesquisadas (construção civil, 3,8%).

O resultado primário dos governos do estado, da capital e dos principais municípios do Ceará foi deficitário em R\$43 milhões nos primeiros nove meses de 2014 (*superavit* de R\$375 milhões em igual período de 2013). Mudaram de *superavit* para *deficit* os resultados primários do governo estadual (de R\$228 milhões para R\$122 milhões) e do governo da capital (de R\$102 milhões para R\$57 milhões). O *superavit* primário nos demais municípios cresceu 208,6%, atingindo R\$135 milhões.

Os juros nominais, apropriados por competência, totalizaram R\$257 milhões até setembro (R\$221 milhões em igual período de 2013) e o resultado nominal passou de *superavit* de R\$153 milhões para *deficit* de R\$300 milhões.

A dívida líquida do estado, da capital e de seus principais municípios atingiu R\$4,1 bilhões em setembro de 2014, com aumento de 21% em relação a dezembro de 2013.

A participação do Ceará no endividamento regional atingiu 10,2% em setembro de 2014 (9,1% em dezembro de 2013).

Tabela 2.28 – Produção agrícola – Ceará

Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/} (%)	Em mil toneladas		Var. % 2014/2013
		Produção ^{2/} 2013	2014	
Produção de grãos		222	529	138,4
Feijão	6,9	56	124	122,1
Milho	3,9	113	360	219,6
Arroz (em casca)	1,7	49	40	-19,2
Outras lavouras selecionadas				
Banana	15,1	376	452	20,4
Mandioca	6,8	300	479	59,4
Castanha-de-caju	4,5	53	52	-1,4

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2013.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2014.

Tabela 2.29 – Produção industrial – Ceará

Geral e setores selecionados

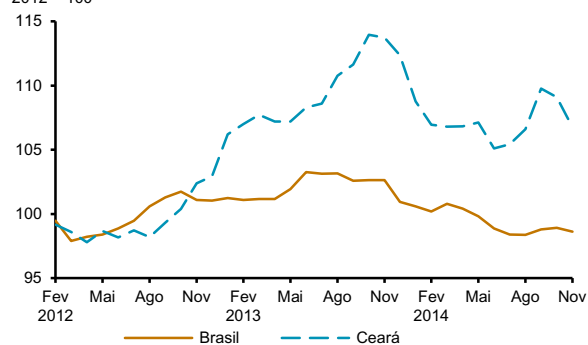
Setores	Pesos ^{1/} 2014	Variação % no período		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	-0,5	0,2	-2,6
Artefatos de couro e calçados	26,7	2,2	-0,6	-3,6
Produtos alimentícios	16,9	4,8	-6,0	6,3
Art. vestuário e acessórios	11,8	-10,6	11,9	1,7
Bebidas	11,0	-6,7	-9,6	-4,0

Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VTI, conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.14 – Produção industrial – Ceará
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2012 = 100



Fonte: IBGE

A produção de grãos do estado atingiu 529,2 mil toneladas em 2014, de acordo com o LSPA de dezembro do IBGE. O aumento anual de 138,4% refletiu incremento de 219,6% na safra de milho (acréscimos respectivos de 32,7%, e de 140,7% na área colhida e no rendimento); de 122,1% na colheita do feijão (expansão de 70,3% na produtividade) e retração de 19,2% na produção de arroz. Em relação às demais culturas, assinalam-se os aumentos de 20,4% na banana e de 59,4% na colheita da mandioca, tendo havido recuo de 1,4% na produção de castanha-de-caju.

A produção industrial do Ceará cresceu 0,2% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando decrescera 0,5%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. Destacaram-se as altas nos segmentos de confecção de artigos do vestuário e acessórios (11,9%) e de fabricação de produtos de minerais não metálicos (4,8%).

A análise em doze meses revela decréscimo de 2,6% da produção industrial do estado, ressaltando-se as quedas em fabricação de produtos têxteis (23,1%), e fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos (10,2%).

O faturamento real da indústria de transformação cearense caiu 0,7% no período de doze meses encerrado em novembro, em relação a igual intervalo de 2013, de acordo com o Instituto de Desenvolvimento Industrial do Ceará (Indi) da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (Fiec). Na mesma base de comparação, registraram-se retrações no pessoal empregado, 3,1%, na remuneração real, 1%, e nas horas trabalhadas, 15,7%. O Nuci médio atingiu 84,3% no período (84,4% no terminado em agosto e 87,8% em igual período de 2013).

A balança comercial do Ceará foi deficitária em US\$1,5 bilhão em 2014, ante US\$1,9 bilhão no ano anterior, de acordo com estatísticas do MDIC, refletindo crescimento de 3,6% nas exportações e queda de 9,1% nas importações, que alcançaram, respectivamente, US\$1,5 bilhão e US\$3,0 bilhões. A corrente de comércio recuou 5,3% em relação a 2013.

O desempenho das exportações cearenses, refletindo elevação de 4,3% nos preços e recuo de 0,7% no *quantum*, decorreu, especialmente, do aumento nas vendas de bens semimanufaturados (12,5%), impulsionado pelos embarques de couros e peles, 12,2% e ceras vegetais,

Tabela 2.30 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Ceará		Brasil	
	2013	2014	Var. %	Var. %
Total	1 420	1 471	3,6	-7,0
Básicos	306	296	-3,4	-3,1
Industrializados	1 114	1 175	5,5	-10,4
Semimanufaturados	261	293	12,5	-4,8
Manufaturados ^{1/}	854	882	3,3	-12,2

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 2.31 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Ceará		Brasil	
	2013	2014	Var. %	Var. %
Total	3 302	3 002	-9,1	-4,4
Bens de capital	668	575	-14,0	-7,6
Matérias-primas	1 754	1 612	-8,1	-3,3
Bens de consumo	164	199	21,0	-5,2
Duráveis	78	79	0,8	-8,8
Não duráveis	86	120	39,4	-1,0
Combustíveis e lubrificantes	715	616	-13,8	-2,4

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 2.32 – IPCA – Fortaleza

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %			
		2013	2014		
		Ano	III Tri	IV Tri	Ano
IPCA	100,0	6,37	0,35	1,83	6,04
Livres	79,9	7,02	0,22	1,73	5,78
Comercializáveis	43,1	4,99	0,03	1,48	4,70
Não comercializáveis	36,8	9,55	0,46	2,05	7,13
Monitorados	20,1	3,84	0,86	2,21	7,06
Principais itens					
Alimentação	32,1	8,26	-0,40	2,03	7,03
Habitação	14,0	5,12	1,86	2,17	10,43
Artigos de residência	4,5	5,76	-1,34	-0,69	2,59
Vestuário	7,3	2,68	-1,23	3,00	0,60
Transportes	15,6	5,34	0,95	2,59	3,69
Saúde	9,6	6,87	0,96	1,31	5,98
Despesas pessoais	9,1	8,08	1,03	1,81	8,02
Educação	4,4	8,37	0,70	0,48	9,45
Comunicação	3,4	1,13	0,38	-0,62	-1,19

Fonte: IBGE

1/ Pesos relativos ao trimestre encerrado no período t-3.

26%. As exportações de manufaturados expandiram 3,3%, com destaque para o crescimento de 47,4% em óleos combustíveis, enquanto as vendas de produtos básicos diminuíram 3,4% (queda de 18,3% nos envios de castanha de caju). No ano, EUA, Holanda, Antilhas Holandesas, Cingapura e Argentina adquiriram, em conjunto, 47,6% das vendas externas do estado.

O comportamento nas importações, em 2014, evidenciou as retrações de 8,4% no *quantum* e de 0,7% nos preços. Houve recuos respectivos de 14%; 13,8% e 8,1% nas compras de bens de capital, de combustível e lubrificantes e de matérias primas. As aquisições de bens de consumo aumentaram 21%, com alta de 39,4% em bens de consumo não duráveis e de 0,8% nas de bens de consumo duráveis. Destacaram-se, nas diversas categorias de produtos, as variações nas aquisições de turbinas a vapor e suas partes, -99,6%; trigo em grãos, -39,6%; gás natural liquefeito, -34,5%; objetos de adorno, de uso pessoal e outros elaborados, 22,6% e vestuário e outras confecções têxteis, 111,5%. As importações provenientes da China, EUA, Trinidad e Tobago, Colômbia e Coreia do Sul corresponderam, em conjunto, por 55,5% do total em 2014.

O IPCA na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) variou 1,83% no trimestre encerrado em dezembro, ante 0,35% no finalizado em setembro, resultado de acelerações dos preços livres (de 0,22% para 1,73%) e dos monitorados (de 0,86% para 2,21%), que refletiram, em especial, os aumentos de gás de botijão, 4,70%, e de energia elétrica residencial, 2,79%.

A trajetória dos preços livres refletiu as maiores variações tanto dos preços dos bens comercializáveis, de 0,03% para 1,48% (empregado doméstico, 2,05% e aluguel e taxas, 1,71%), quanto dos não comercializáveis, de 0,46% para 2,05% (passagem aérea, 34,70%, e tubérculos, raízes e legumes, 16,39%). O índice de difusão atingiu 57,92% no trimestre encerrado em dezembro (50,83% em setembro).

A variação do IPCA na RMF atingiu 6,04% em 2014 (6,37% em 2013), reflexo de desaceleração dos preços livres, de 7,02% para 5,78%, e aceleração dos monitorados, de 3,84% para 7,06%.

A atividade econômica cearense mantém ritmo de crescimento superior à média brasileira. Para os próximos trimestres, as perspectivas continuam a contemplar esse cenário, sustentado pela continuidade da expansão do mercado interno do estado e pela retomada recente da atividade industrial.

Gráfico 2.15 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Pernambuco

Dados dessazonalizados
2002 = 100

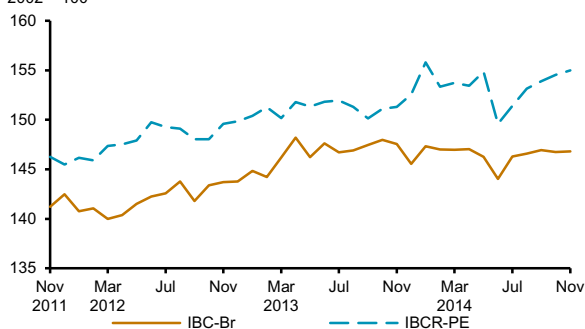
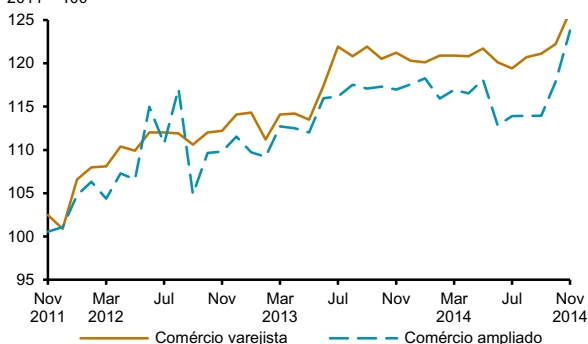


Gráfico 2.16 – Comércio varejista – Pernambuco

Dados dessazonalizados
2011 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.33 – Comércio varejista – Pernambuco

Geral e setores selecionados

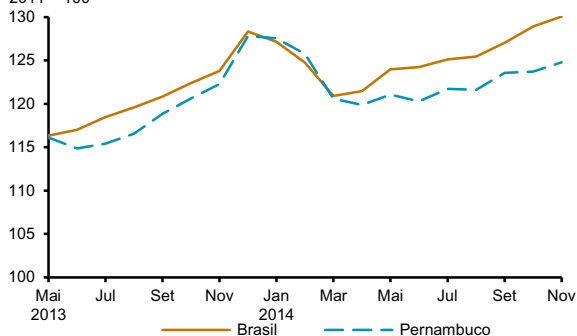
Setores	Variação % no período			
	2014			
	Mai ^{1/}	Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	0,6	-0,9	2,5	3,3
Combustíveis e lubrificantes	1,8	-1,8	2,3	3,2
Hiper e supermercados	-1,3	-2,5	-0,5	-0,8
Tecidos, vestuário e calçados	-0,6	-1,1	5,0	2,8
Móveis e eletrodomésticos	4,6	-3,0	5,2	6,4
Comércio ampliado	0,0	-3,1	4,4	2,0
Automóveis e motocicletas	-2,5	-4,8	8,8	-1,5
Material de construção	5,7	-7,4	-2,1	3,6

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.17 – Receita nominal de serviços

Dados observados – Média móvel trimestral
2011 = 100



Fonte: IBGE

Pernambuco

O PIB pernambucano cresceu 0,7% no terceiro trimestre de 2014, em relação ao trimestre anterior, de acordo com dados dessazonalizados da Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco (Condepe/Fidem). O avanço refletiu os crescimentos do produto na indústria, 1,9%, e no setor de serviços, 0,7%, e o recuo de 4,8% na agropecuária. Dados mais recentes apontam aceleração da atividade no estado. Nesse sentido, o IBCR-PE cresceu 2,0% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao findo em agosto, quando recuara 1,7% no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados.

As vendas do comércio varejista cresceram 2,5% no trimestre até novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando recuara 0,9%, na mesma base de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC/IBGE. Destacaram-se os aumentos das vendas de móveis e eletrodomésticos, 5,2%, e tecido, vestuário e calçados, 5,0%. O comércio ampliado, que incorpora as variações das vendas de veículos, motos, partes e peças (8,8%) e de material de construção (-2,1%), aumentou 4,4% no trimestre.

Considerados intervalos de doze meses, as vendas varejistas cresceram 3,3% em novembro (5,0% em agosto), em relação a igual período de 2013, com destaque para o desempenho em móveis e eletrodomésticos, 6,4% e em combustíveis e lubrificantes, 3,2%. O comércio ampliado, agregadas as variações respectivas de -1,5% e 3,6% nas vendas de veículos, motos, partes e peças e de material de construção, cresceu 2,0% no período.

A receita nominal do setor de serviços de Pernambuco cresceu 2,1% no trimestre encerrado em novembro, de acordo com a PMS do IBGE, em relação a igual período de 2013 (outros serviços, 5% e transportes, serviços auxiliares dos transportes e correio, 4,8%). Considerados períodos de doze meses, a receita do setor cresceu 4,5% em novembro (5,7% em agosto).

O volume das operações de crédito superiores a R\$1 mil atingiu R\$70,6 bilhões em novembro, representando alta de 3,4% no trimestre e recuo de 5,9% em doze meses. As operações com recursos livres somaram R\$39,5 bilhões, com aumentos respectivos de 3,1% e 6,4%, nos períodos considerados. Os empréstimos com recursos direcionados totalizaram R\$31,1 bilhões, com variações de 3,8% no trimestre e de -18,0% em doze meses, com destaque para variações correspondentes de 0,1% e -42,6% no âmbito das operações com o BNDES.

Tabela 2.34 – Receita nominal de serviços – Pernambuco
Serv. empresariais não financeiros, exceto saúde e educação

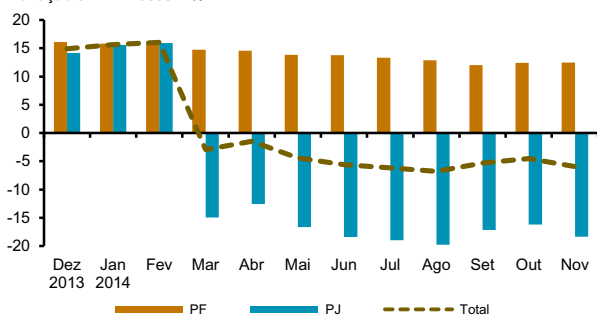
Segmentos	Var. %			
	2013	2014		
	Ano	Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Total	5,7	4,3	2,1	4,5
Serviços prestados às famílias	6,3	8,3	1,3	7,6
Serviços de informação e comunicação	5,1	1,7	-1,9	0,8
Serviços profissionais e administrativos	-0,5	5,7	3,3	5,4
Transportes e correio	13,2	3,0	4,8	5,6
Outros serviços	5,8	14,3	5,0	11,1

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa ao trimestre encerrado no mês assinalado e o mesmo período do ano anterior.

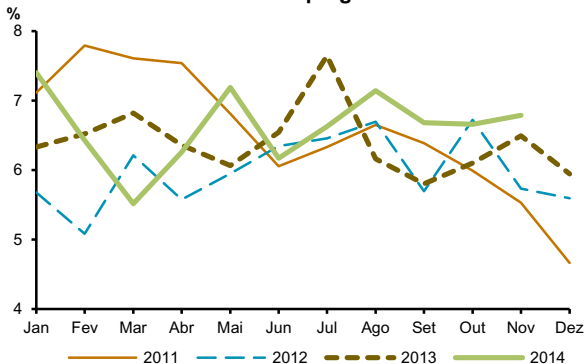
Gráfico 2.18 – Evolução do saldo das operações de crédito – Pernambuco^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Gráfico 2.19 – Taxa de desemprego aberto – Recife



Fonte: IBGE

Tabela 2.35 – Evolução do emprego formal – Pernambuco
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2013	2014			
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	40,6	-11,7	-28,8	6,2	14,1
Ind. de transformação	24,4	-8,0	-18,5	4,3	16,2
Comércio	7,7	-3,0	-0,9	0,6	6,0
Serviços	6,4	3,0	0,7	2,7	0,8
Construção civil	2,3	-0,7	-7,5	-5,9	-8,6
Agropecuária	-0,7	-2,9	-2,7	4,5	-0,1
Serv. ind. de util. pública	0,4	0,1	0,2	0,2	-0,1
Outros ^{1/}	0,1	0,0	-0,1	0,0	0,0

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

A carteira do segmento de pessoas físicas atingiu R\$34,0 bilhões em novembro, com aumentos de 3,2% no trimestre e 12,5% em doze meses, ressaltando-se, no período mais recente, a ampliação dos financiamentos habitacionais, do crédito consignado e com cartão de crédito. O saldo das operações com pessoas jurídicas cresceu 3,6% no trimestre considerado, para R\$36,7 bilhões, com ênfase nos empréstimos para a indústria de máquinas e equipamentos e de cimento, cerâmica cal e gesso. Em doze meses o saldo das operações de crédito recuou 18,3% em função, principalmente, da reclassificação da operação referente à Refinaria Abreu e Lima S/A (RNEST) para o Rio de Janeiro.

A inadimplência atingiu 3,7% em novembro, reduzindo-se 0,14 p.p. no trimestre e aumentando 0,68 p.p. em doze meses. O recuo trimestral decorreu de variações respectivas de -0,48 p.p. e 0,14 p.p. nos segmentos de pessoas físicas e de pessoas jurídicas, que registraram, na ordem, taxas de 5,45% e 2,27%.

Mercado de trabalho em Pernambuco gerou 14,1 mil empregos formais no trimestre encerrado em novembro (40,6 mil em igual período de 2013), de acordo com o Caged/MTE, com destaque para o volume de contratações na indústria de transformação, 16,2 mil, e no comércio, 6,0 mil e os desligamentos na construção civil, 8,6 mil postos. O nível de emprego formal diminuiu 0,7% no trimestre terminado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando recuara 1,0%, segundo dados dessazonalizados.

A taxa de desemprego da RMR atingiu 6,7% no período setembro a novembro, 0,6 p.p. acima da registrada em igual intervalo de 2013, segundo dados da PME/IBGE. Os rendimentos médios reais habitualmente recebidos e a massa de rendimentos aumentaram 5,9% e 9,9%, na mesma base de comparação. Considerando dados dessazonalizados, a taxa de desemprego atingiu 6,7% no trimestre finalizado em novembro (6,8% no encerrado em agosto).

O resultado primário dos governos do estado, da capital e dos principais municípios pernambucanos foi deficitário em R\$534 milhões nos nove primeiros meses de 2014 (*superavit* de R\$17 milhões em igual período de 2013). Os governos do estado e da capital registraram *deficit* de R\$546 milhões e R\$9 milhões, respectivamente, enquanto os demais municípios obtiveram *superavit* de R\$21 milhões.

Os juros nominais, apropriados por competência, totalizaram R\$531 milhões até setembro de 2014 (variação de 27% em relação ao mesmo período do ano anterior) e o

Tabela 2.36 – Necessidades de financiamento – Pernambuco^{1/}

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2013 Jan-set	2014 Jan-set	2013 Jan-set	2014 Jan-set
PE	-17	534	418	531
Governo estadual	592	546	433	552
Capital	-419	9	2	3
Demais municípios	-190	-21	-16	-24

1/ Inclui informações do estado e de seus principais municípios.

Dados preliminares.

Tabela 2.37 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Pernambuco^{1/}

UF	R\$ milhões					
	Dívida 2013 Dez	Fluxos acumulados no ano			Dívida ^{2/} 2014 Set	
		Nominal	Juros	Total ^{3/}	Outros ^{4/}	2014 Set
	PE	6 822	534	531	1 065	217
Governo estadual	7 467	546	552	1 098	229	8 794
Capital	-26	9	3	12	5	-9
Demais municípios	-620	-21	-24	-45	-18	-682

1/ Inclui inform. do estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

Tabela 2.38 – Produção agrícola – Pernambuco
Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção		Variação % 2014/2013
		2013	2014 ^{2/}	
Grãos				
Feijão	2,3	41	57	37,7
Milho	0,5	23	55	138,5
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	31,0	15 164	15 417	1,7
Uva	21,7	229	237	3,5
Banana	7,4	369	399	8,0
Mandioca	5,8	292	302	3,4
Cebola	5,0	96	61	-36,5

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2013

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2014.

deficit nominal alcançou R\$1,1 bilhão (R\$401 milhões de janeiro a setembro de 2013).

A safra de grãos de Pernambuco expandiu-se 50% em 2014, de acordo com o LSPA/IBGE de dezembro. Esse aumento refletiu, em especial, o aumento nas safras de feijão, 37,7% e de milho, 138,5%, revertendo à queda do ano anterior, provocada pela seca que afetou o estado. As principais culturas agrícolas do estado apresentaram crescimento em 2014, com destaque para cana-de-açúcar, 1,7%; uva, 3,5% e banana, 8%.

A produção industrial do estado recuou 0,2% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando diminuía 4,9%, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF Regional do IBGE. O resultado decorreu, principalmente, da retração de 2,2% na atividade de alimentos e de 5,6% em bebidas.

Considerados intervalos de doze meses, a produção da indústria de Pernambuco aumentou 1,5% em novembro (1,2% em agosto), comparativamente ao mesmo período de 2013. Destacaram-se os crescimentos nas indústrias alimentícias, 10,6% e de outros equipamentos de transporte, 7,6%, e os recuos em minerais não metálicos, 9,2%; máquinas, aparelhos e materiais elétricos, 12,2% e metalurgia, 7,0%.

O Índice de Confiança do Empresário Industrial, seguindo trajetória declinante, atingiu 49,7 pontos em novembro, o menor nível da série histórica iniciada em janeiro de 2010, de acordo com a Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco (Fiepe).

O saldo da balança comercial de Pernambuco foi deficitário em US\$6,4 bilhões em 2014, de acordo com o MDIC. A elevação de 32,6% em relação a 2013 refletiu variações de -52,6% nas exportações e 7,7% nas importações, que atingiram no ano US\$944 milhões e US\$7,3 bilhões, respectivamente.

O recuo das exportações, decorrente de variações de -48,6% no *quantum* e de -7,7% nos preços dos produtos embarcados, evidenciou principalmente o decréscimo de 58,6% nas vendas de manufaturados, influenciadas pela exportação de uma plataforma de petróleo (US\$1,2 bilhão) em 2013, sem correspondência em 2014. Os embarques de semimanufaturados recuaram 30,8%, com ênfase na variação das vendas em açúcar de cana em bruto, -33,4%. Holanda, Argentina, Estados Unidos e

Tabela 2.39 – Produção industrial – Pernambuco
 Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/} 2014	Variação % no período		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	Acum.
		12 meses		
Indústria geral	100,0	-4,9	-0,2	1,5
Produtos alimentícios	31,2	-8,5	-2,2	10,6
Bebidas	10,9	-1,8	-5,6	2,4
Produtos minerais não-metálicos	9,4	-5,5	-0,5	-9,2
Produtos de metal	4,9	3,3	-5,0	-1,2

Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VTI, conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Tabela 2.40 – Exportação por fator agregado – FOB
 Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Pernambuco			Brasil
	2013	2014	Var. %	Var. %
Total	1 992	944	-52,6	-7,0
Básicos	143	137	-4,3	-3,1
Industrializados	1 848	807	-56,4	-10,4
Semimanufaturados	152	105	-30,8	-4,8
Manufaturados ^{1/}	1 696	702	-58,6	-12,2

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 2.41 – Importação por categoria de uso – FOB
 Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Pernambuco			Brasil
	2013	2014	Var. %	Var. %
Total	6 811	7 336	7,7	-4,4
Bens de capital	979	921	-5,9	-7,6
Matérias-primas	2 206	2 275	3,1	-3,3
Bens de consumo	670	966	44,1	-5,2
Duráveis	349	415	19,0	-8,8
Não duráveis	322	551	71,4	-1,0
Combustíveis e lubrificantes	2957	3174	7,4	-2,6

Fonte: MDIC/Secex

Venezuela representaram, em conjunto, 56,6% do destino das exportações do estado.

O desempenho das importações resultou das elevações de 0,7% nos preços e de 7,0% no *quantum*. As compras de bens de consumo não duráveis avançaram 71,4%, impulsionadas por produtos farmacêuticos, compostos, sobretudo, de derivados de sangue para o polo fármaco químico do estado. As aquisições de combustíveis e lubrificantes aumentaram 7,4%, destacando-se gases, 57,3%, e óleo diesel, 29,3%, grande parte utilizada para o abastecimento de usinas termelétricas. As importações provenientes dos Estados Unidos, China, Argentina e Itália representaram, em conjunto, 62,2% das importações do estado no período.

O IPCA da RMR variou 1,22% no trimestre encerrado em dezembro (0,60% no finalizado em setembro), resultado de aceleração dos preços livres, de 0,33% para 1,46%, e da desaceleração dos preços monitorados, de 1,63% para 0,34%. O comportamento dos preços livres refletiu a maior variação dos preços dos bens não comercializáveis, de -0,29% para 2,02% (alimentação fora do domicílio, 2,33%, e passagens aéreas, 47,92%), e a relativa manutenção da variação dos produtos comercializáveis, de 0,94% para 0,93%. O índice de difusão atingiu 59,1% no trimestre encerrado em dezembro (64,6% em setembro).

A variação do IPCA na RMR atingiu 6,32% em 2014 (6,86% em 2013), reflexo da desaceleração dos preços livres, de 8,05% para 6,47%, e aceleração dos monitorados, de 2,55% para 5,70%. A evolução dos livres refletiu, em parte, a menor variação dos preços de alimentação e bebidas, de 9,47% para 7,16%, enquanto o desempenho dos monitorados foi influenciado principalmente pelas elevações nos itens energia elétrica residencial, 17,55%, e plano de saúde, 9,52%.

A atividade econômica estadual apresentou recuperação no trimestre encerrado em novembro, impulsionada pelo comércio varejista, e deve encerrar o ano com crescimento superior à média nacional. Para 2015, espera-se expansão da economia pernambucana decorrente da maturação de importantes investimentos na região, com destaque para o início das operações da Refinaria do Nordeste e da fábrica de veículos recém-instalada no interior do estado.

Tabela 2.42 – IPCA – Recife

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral			
		2014	I Tri	II Tri	III Tri
IPCA	100,0	1,65	2,70	0,60	1,22
Livres	79,1	2,08	2,46	0,33	1,46
Comercializáveis	40,3	0,98	2,28	0,94	0,93
Não comercializáveis	38,8	3,24	2,65	-0,29	2,02
Monitorados	20,9	0,04	3,63	1,63	0,34
Principais itens					
Alimentação	26,9	2,34	2,73	0,42	1,49
Habitação	14,0	1,69	5,38	2,47	1,46
Artigos de residência	5,1	1,55	1,30	1,16	-0,26
Vestuário	8,0	-0,11	2,41	0,44	2,12
Transportes	14,8	-0,01	1,68	0,70	0,67
Saúde	12,6	1,45	2,55	1,23	1,36
Despesas pessoais	10,1	2,89	4,22	-2,19	2,11
Educação	4,6	4,90	-0,06	0,55	0,05
Comunicação	3,9	0,68	-0,24	-0,10	-0,38

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2014.